

“I WILL NOT REASON & COMPARE: MY BUSINESS IS TO CREATE”: BLAKE E A QUESTÃO DO MÉTODO

“I WILL NOT REASON & COMPARE: MY BUSINESS IS TO CREATE”: BLAKE AND THE PROBLEM OF METHOD

Alcides Cardoso dos Santos

Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Departamento de Letras Modernas, Araraquara, SP; Universidade Estadual de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: Neste artigo, tratarei a crise nos estudos blakeanos que acontece nos anos 70 e 80, no momento em que novos métodos interpretativos começam a questionar a exegese canônica, apontando para aspectos ainda não observados e fazendo a crítica do método como garantia de acesso à verdade do texto. O quadro histórico de referência deste movimento tem grande relevância, pois é nestas décadas que surge também uma nova geração de críticos e pensadores, trazendo contribuições significativas para a crítica literária.

Palavras-Chave: William Blake; Crítica Literária; Crítica de Arte.

Abstract: This paper will discuss the crisis in the blakean studies that happens in the 70s and 80s, at a time when new methods of interpretation begin to transform the canonical exegesis, pointing out to aspects that was not seen in the field of literary studies. This approach presented the criticism of method as a guarantee of access the text truth. The historical structure of this movement has great importance, especially because is in those decades that comes a new generation of authors that bring meaningful contributions for literary criticism.

Keywords: William Blake; Literary Criticism; Art Criticism.

Em 1983¹, Paul DeMan alertava para o fato de que, no intuito de mostrar que a legitimidade de sua leitura crítica advém das próprias questões levantadas ou sugeridas pelo texto lido, todo crítico, de uma forma ou de outra, acaba por moldar o seu objeto de estudo às necessidades do seu método, selecionando as passagens que mais lhe interessam em detrimento de outras que poderiam trazer alguma dificuldade crítica e chegando mesmo a realizar, em alguns casos, uma verdadeira edição do texto lido. A “cegueira” assim produzida pelos métodos críticos – De Man se referia tanto à Nova crítica norte-americana dos anos 30 e 40 quanto ao estruturalismo francês dos anos 70 e 80² – só poderia ser contrabalanceada, então, pela percepção

¹ DE MAN, P. **Blindness and Insight:** Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism. Minnesota: University of Minnesota Press, 1983.

² Refiro-me à 2ª edição, que se tornou a mais conhecida desse livro, inicialmente publicado em 1971.

de que todo texto, crítico ou literário, é feito de linguagem e de que esta possui uma camada superficial de sentido que amiúde esconde a lógica mais profunda do texto lido. Em alguns casos, esta lógica ou *insight* do texto pode contrariar frontalmente o sentido superficial, resultando em leituras que podem não somente ser discrepantes, mas até mesmo contrárias do mesmo texto lido. Cegueira e insight, portanto, fazem parte do mesmo movimento que a crítica realiza em sua busca pelo sentido profundo dos textos literários.

As observações de DeMan nos ajudam a pensar a difícil questão da crítica literária e seu método, principalmente o postulado de que todo método crítico deve se desenvolver a partir das premissas do texto lido, mesmo que sob o risco de praticar uma violência a esse texto. Em outras palavras, a escolha e a formulação do método crítico depende da leitura encetada sobre o texto, o que nos permite perceber que um mesmo texto crítico pode dar origem a vários métodos interpretativos, sem que seja possível a qualquer deles reclamar o mérito da verdade.

Voltamos, aparentemente, ao início do argumento, pois se o método crítico pretende ser fiel ao texto, ao lê-lo já o faz orientado por questões de princípio, o que resulta em um recorte do texto lido conforme ao método. Voltaremos a esta questão posteriormente.

Por ora, nos interessa seguir este mote como fio condutor para pensar a poesia de William Blake e seus desenvolvimentos críticos, sobretudo a partir da publicação, em 1987, de uma coletânea de ensaios organizada por Dan Miller, Mark Bracher e Donald Ault, intitulada *Blake and the Argument of Method*³. O que pretendemos discutir aqui, ainda que de forma introdutória e esquemática, é a “crise” (op. cit., p. 3) nos estudos blakeanos que acontece nos anos 70 e 80, isto é, o momento de desenvolvimento dos estudos blakeanos em que novos métodos interpretativos começam a questionar a exegese canônica, apontando para aspectos ainda não observados e fazendo a crítica do método como garantia de acesso à verdade do texto. O quadro histórico de referência deste movimento tem grande relevância, pois é nestas décadas que, paralelamente aos questionamentos sociais e políticos dos anos 60 e 70, surge também uma nova geração de críticos e pensadores, trazendo contribuições significativas para a crítica literária.

³ MILLER, D.; BRACHER, M.; AULT, D. **Blake and the Argument of Method.** (Critical Paths). Duke University Press, 1987.

1 A “crise” dos estudos blakeanos

Pode-se dizer que os estudos blakeanos começam com as primeiras tentativas de padronização e disponibilização de sua poesia a um público maior, esforço empreendido por Geoffrey Keynes nos anos 1920, com a publicação de *A Bibliography of William Blake* e, posteriormente, nos anos 1950, com a publicação de *Complete Writings of William Blake*. Se, por um lado, este primeiro esforço no caminho da padronização de seus textos se deu às custas de alterações na pontuação e grafia – ao leitor atual totalmente inadmissíveis –, por outro ele indicou a necessidade de padronização da obra de Blake para a formação de uma verdadeira *scholarship*.

O caminho acertadamente apontado por Keynes foi então seguido por David V. Erdman, que publica, em 1965, *Poetry and Prose of William Blake*, obra que após várias revisões é republicada em 1982 sob o título *The complete Poetry and Prose of William Blake*, se tornando a edição aprovada pela MLA e a mais confiável até os dias de hoje. Se a preocupação de Keynes fôra tornar a escrita de Blake mais “compreensível”, a principal tarefa para Erdman foi a de produzir um texto tão fiel ao original quanto possível, tanto em termos da escrita quanto das iluminuras. Tal esforço na reprodução fiel da poesia iluminada de Blake resultou em outra obra basilar para os estudos blakeanos, *The Illuminated Blake William Blake’s Complete Illuminated Works with a Plate-by-Plate Commentary*, publicada em 1992.

É também nesse sentido que S. Foster Damon publica, em 1979, *A Blake Dictionary*, um esforço em mostrar que os símbolos em Blake têm sentidos razoavelmente estáveis e que seu conhecimento depende fundamentalmente do conhecimento da própria poesia de Blake.

Se a publicação de *The Works of William Blake, Poetical, Symbolic and Critical*, em 1893, por Edwin J. Ellis e W. B. Yeats deu o tom inicial da leitura de Blake ao tratar sua poesia “como se estivesse em um código que requeriria deciframento, geralmente por meio de alguma “chave” - um dogma central ou um conjunto de fontes ocultas ou um conhecimento das tradições esotéricas – que deveria ser encontrado fora dos textos e usado para revelar sentidos criptografados” (MILLER, op. cit., p. 5)⁴, o caminho apontado por Keynes e reforçado por Erdman e Northrop Frye seria justamente o contrário, isto é, a ideia de uma “chave” e de uma decifração do texto dão lugar à análise minuciosa do texto em toda a sua riqueza verbal e visual, como explica Erdman no seu *The Illustrated Blake*: “Só olhar cuidadosamente, polegada por polegada, já era [é] metade do caminho”

⁴ Todas as traduções neste texto são de minha autoria.

(ERDMAN, 1974, p. 14).

O mesmo David Erdman dá outro passo importante nos estudos blakeanos ao publicar, na década de 1940, o importantíssimo *Blake: Prophet Against Empire*, no qual faz um cuidadoso levantamento do contexto histórico e político da poesia de Blake, suas implicações e referências. Embora as questões poéticas e artísticas acabem por ficar em segundo plano, no esforço em mapear as questões históricas e políticas do final do século XVIII e início do XIX que contextualizam a obra de Blake, esta obra se tornou uma referência fundamental a qualquer estudo sério de Blake.

O estudo crítico mais importante até o momento surge em 1947, *Fearful Symmetry: A Study of William Blake*, no qual o crítico canadense Northrop Frye estabelece com bastante autoridade o princípio crítico que até hoje norteia os estudos blakeanos. Neste detalhado e complexo estudo, “Blake se torna, ele mesmo, a chave para um universo literário inteiro”, pois na abordagem de Frye “as chaves não são mais importadas de fora para revelar o sentido, mas agora os textos mesmos produzem os termos necessários para a sua própria interpretação.” (apud MILLER, op. cit., p. 7). É a partir da leitura de Blake que o crítico produz seu estudo crítico *Anatomy of Criticism: Four Essays*, publicado em 1957, no qual Frye usa a sua leitura de Blake como arcabouço teórico para uma teoria da poesia.

Os estudos blakeanos, então, adentram os anos 1970 e são inevitavelmente contagiados pelas mudanças acontecidas no cenário teórico e crítico da literatura ou, em outras palavras, pelo pós-estruturalismo. No momento em que noções e conceitos até então centrais da teoria e crítica literária são questionados em seus fundamentos e funcionamentos ocultos, surge uma plethora de teorias e métodos críticos que pouco tinham em comum, talvez o ponto que os unira então tenha sido a ideia de uma textualidade cujo funcionamento engendra e torna possíveis conceitos como texto, obra, autor, gênero (tanto textual quanto sexual), história e ideologia. Estruturalismo, Semiótica, Narratologia, Estética da recepção, Teoria do Efeito Estético, Desconstrução, Teorias do Discurso, Feminismo, Marxismo e Teoria Crítica são alguns dos expoentes deste caldeirão de métodos e abordagens críticas que então eram desenvolvidos nas universidades.

É neste ambiente teórico que surge *Visionary Forms Dramatic*, publicado pelo mesmo David Erdman e John Grant, livro que reúne ensaios de pesquisadores sobre a necessidade de os estudos blakeanos passarem a ler a totalidade formal de sua poesia iluminada. Um dos colaboradores deste volume, W. J. T. Mitchell, além de destacado pesquisador do poema iluminado blakeano, é um dos primeiros a incorporar as mudanças teóricas

deste período e começar a refletir sobre o fato de que o poema iluminado de Blake parece apontar para algo além da complementaridade das artes irmãs. Leitor de Jacques Derrida, Mitchell incorpora as reflexões da desconstrução em sua crítica, que o levou a publicar *Picture Theory* (1994), no qual aparece o texto “Visible Language: Blake’s Art of Writing”, um verdadeiro *turning point* na crítica blakeana, e posteriormente em 1997, o excelente *Iconology: Image, Text, Ideology*.

É também sob a influência da desconstrução de Jacques Derrida que outro teórico de peso propõe uma leitura da poesia de Blake que, assim como o fez Frye, será a base de uma teoria da poesia, publicada em 1973 sob o título *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. Além da desconstrução *a la* Yale, Bloom também incorpora a cabala judaica para mostrar que estudar Blake é entender o processo de criação poética. A partir de sua inovadora obra de 1973, Bloom publicou outros vários livros no qual aplicou sua “teoria da desleitura”, aprendida com Blake, a praticamente todo o cânone ocidental.

As décadas de 1970 e 1980 representam, então, uma mudança radical nos paradigmas da crítica literária e, conseqüentemente, nos estudos blakeanos. Se alguns viram nessas mudanças o fim dos estudos blakeanos, outros “embraced it [them] as the occasion for new understandings of Blake and for a methodological self-awareness that can only improve criticism” (p. 4), pois “The appearance of new methods shows that what once seemed methodologically neutral or innocent was in fact not so” (MILLER, op. cit., p. 9).

2 Novas leituras: um novo Blake?

Superado o dilema inicial dos anos 1970 e 1980 entre a “escola tradicional” de Keynes, Erdman e Frye, com suas análises intrínsecas ou imanentistas dos textos blakeanos e os “novos” críticos como Hazard Adams, W. J. T. Mitchell e Bloom, a crítica blakeana se deparou com a questão da validade do método, uma vez que durante este período o método, qualquer método, passou a ser visto com desconfiança, como o arauto de uma racionalidade calculista e ideologicamente comprometida com uma visão de mundo misógina, eurocêntrica, logocêntrica e excludente.

A questão, então, se colocava da seguinte forma: como dar sentido aos aparentes paradoxos dos textos blakeanos? Isto é, como fazer sentido das diferentes direções que os poemas de Blake indicavam? Vamos nos

deter um pouco nesta questão antes de seguirmos com a questão crítica. Tentemos elucidar esta complexidade da poesia de Blake em um de seus mais conhecidos poemas, *The Marriage of Heaven and Hell*.

Sendo um dos poemas mais estudados de Blake, não vamos fazer sua análise e tampouco discutir a sua longa tradição de leituras. Nos interessará apenas mostrar como o poema é composto por passagens heterogêneas e que esta heterogeneidade foi subestimada pela crítica em nome da busca de coerência até o período da “crise” apontado por Miller.

Geralmente lido como quase um manifesto romântico, sobretudo por sua apropriação pelo movimento contracultural norte-americano, o poema traz passagens em que, de fato, o ideário romântico da expressão livre dos sentimentos parece dar o tom. O poema começa com uma evocação a Rintrah, o espírito revolucionário que, agitando suas chamas, se revolta contra a usurpação do caminho justo pelos injustos, ao que se segue uma explicação de Blake de que o Bem é a passividade que obedece a Razão e o Diabo é a força ativa que surge da energia; o primeiro é Deus e o Céu, o segundo é o Inferno.

“A voz do Diabo”, uma série de 6 princípios poético-filosóficos que se segue, já introduz uma nota distoante do Romantismo ao afirmar que corpo e alma são inseparáveis e que o corpo é a parte da alma discernida pelos cinco sentidos. A energia, única forma de vida e deleite eterno, afirma o poeta, vem do corpo e é circunscrita pela razão.

A insistência no corpo como fonte de energia e prazer distancia o poeta dos seus contemporâneos românticos – com a exceção tardia do norte-americano Walt Whitman – e o leva a afirmar a materialidade da vida na direção contrária ao Cristianismo, ou seja, como fonte de prazer e de divindade.

A partir deste ponto, o Inferno, o Diabo, a Sabedoria Infernal e a Leitura Infernal da Bíblia perfazem a inversão do dogma religioso em uma celebração da vida material como presença do divino nos humanos.

Ainda em coro com os românticos, Blake aponta para a miséria do mundo, para as excessivas jornadas de trabalho nas recém surgidas fábricas, para o trabalho infantil, para a pobreza da população, para a dominação impiedosa dos poderosos e para a escravidão mental que o racionalismo iluminista e a religião causaram às pessoas.

Como, então, pôde o poeta celebrar a vida material se o que via ao seu redor, na Inglaterra do final do século XVII e início do XIX, era somente pobreza e exploração?

A resposta nos é dada no verso final da página 11: “Thus men fogot that All deities reside in the human breast”, isto é, apesar da pobreza material que aflige o mundo, o homem tem, dentro de si, uma porção do infinito ou do divino que lhe possibilita abertura dos sentidos e da percepção, que possibilitará a transcendência do plano material.

Chegamos, então, à questão nodal da crítica blakeana: como pensar a transcendência em Blake, sabendo de antemão que a sua ênfase na materialidade do corpo – do texto, conseqüentemente - destoa do romantismo *tout court*? Se o corpo é a energia motriz da divindade, o mundo material se apresenta, então, de duas formas: como materialidade bruta ao homem que “closed himself up, till he sees all things thro’ narrow chinks of his cavern” ou como porção do infinito discernida pelos nossos sentidos, pois uma vez abertas as portas da percepção “every thing would appear to man as it is: infinite”.

Trata-se, como bem aponta Frye (1990, p. 232 [1947]), de duas maneiras de ver o mundo material ou, no vocabulário blakeano, Beulah: uma se origina no próprio mundo material e o outrano infinito. A primeira forma caracteriza a visão racionalista e científica do mundo, a porção do ser chamada de “Devoradora”, enquanto a segunda caracteriza a visão profética ou, em termos mais gerais, a arte transformadora da matéria bruta em visão divina, chamada de “Prolífica”. Cada modo de ver enxerga de forma diferente o mesmo objeto, pois “A Fool sees not the same tree that a wise man sees”, isto é, o modo de pensar altera a experiência da realidade.

Esses aspectos são bastante conhecidos na fortuna crítica de Blake. Em termos da leitura de seus poemas, essa questão da dupla visão inevitavelmente se torna uma questão de método e é justamente neste ponto nodal da sua poesia iluminada que os críticos divergem, uns fazendo uma leitura mais próxima da visão “Devoradora” e outros mais próximos da “Prolífica”, sempre no mais nobre intuito de atingir uma melhor e mais completa compreensão do poeta. Se podemos dizer que o momento de crise detectado por Miller corresponde, grosso modo, ao momento em que os conceitos de neutralidade, objetividade e isenção da crítica, como nos mostra a reflexão de Roland Barthes em textos como *S/Z* (1970), são questionados, forçando o crítico a uma reflexão mais profunda sobre o texto lido tanto quanto sobre o seu fazer crítico, podemos pensar que este momento também é o momento em que os estudos blakeanos se deparam com a questão não propriamente da existência de um método para o seu estudo, mas das múltiplas possibilidades metodológicas surgidas a partir dos novos horizontes de leitura de sua poesia, como explica novamente Miller:

The issue, then, is not *whether* but *which* methods. And though we should not expect a clear-cut resolution of the present crisis in Blake studies, the debates concerning method will eventually take us in some direction. These arguments have very real consequences for the teaching and other cultural uses of Blake, so there must be, in the long run, winners and losers (MILLER, op. cit., p. 15, ênfase do autor).

3 “Sheep” ou “Goat”?

Logo no início de seu poema mais famoso, *Jerusalem the Emanation of the Giant Albion*, antes mesmo da abertura “To the Public”, na qual o poeta explica o seu “método” de composição do poema - antecipando em pouco mais de 40 anos a *Philosophy of Composition* de Poe -, aparecem as palavras “Sheep” e “Goat” escritas respectivamente no canto superior esquerdo e direito de quem lê. A simbologia do cordeiro e a do bode são bastante conhecidas e se referem, respectivamente, a Jesus e ao Diabo e ao analisarmos a totalidade formal desta página (ERDMAN, 1974, p. 282), vemos que as duas palavras são gravadas fora da “nuvem” na qual “To the Public” está gravado, como a sugerir os dois caminhos de leitura possíveis, a leitura “passiva” do bem e a leitura “infernai” da energia e do Diabo.

So far so good, como diriam os ingleses, é só nos posicionarmos como leitores quanto ao lado e realizarmos leitura de acordo com a nossa capacidade imaginativa. A escolha se torna uma questão quando percebemos que na profecia poética o processo de leitura é um processo de transformação, simbolizado pelo ferreiro Los, que transforma a matéria bruta em arte. Cada leitura possível revela caminhos e valores que denotam a presença de um método, pois mesmo que não chegue a se tornar uma teoria da poesia, como as de Frye e de Bloom, cada leitura se pretende uma leitura válida para toda poesia. Dito de outra forma, se o leitor passa da fase de negação (quando se deixa vencer pelas primeiras dificuldades de leitura) e a sua leitura de Blake começa a fazer algum sentido, este sentido invariavelmente se torna uma forma de ler poesia, como se o leitor fosse educado ou iniciado pela leitura do poema. É como se fizéssemos coro com Frye quando este diz, logo no Prefácio de *Fearful symmetry*, que aprender a ler Blake é a prender a ler poesia.

Desnecessário dizer que a leitura infernal é a aconselhada pela crítica blakeana, mas ler o poema de forma infernal significa entrar no labirinto de sugestões, aparentes paradoxos e contradições que até hoje

atordoam os leitores e críticos. Senão vejamos a discussão sobre método que Dan Miller (1987) propõe a partir de um trecho de *A Vision of the Last Judgement*, obra pictórica de Blake que deveria ser apresentada na exibição que aconteceria em 1810, mas que foi cancelada. A pintura não sobreviveu, apenas as anotações de Blake sobre ela, mescladas a considerações sobre a natureza da arte.

A leitura infernal é denominada, aqui como em outros textos proféticos, Visão, e ocupa lugar central em detrimento da alegoria e da fábula, formas menores associadas por Blake às filhas da memória, isto é, à arte que emula a tradição: “The Last Judgement is not Fable or Allegory but Vision Fable or Allegory are a totally distinct & inferior kind of Poetry. Vision or Imagination is a Representation of what Eternally Exists. Really & Unchangeably. Fable or Allegory is Formdby the Daughters of Memory” (ERDMAN, 1988, p. 554).

Porém, o texto atribui funções e naturezas diferentes à Visão, que parecem oscilar entre o Mundo da Imaginação ou Eternidade e o Mundo da Geração ou Vegetação, pois o primeiro é renovado pelas sementes do segundo e somente nele pode existir. Como diz o poeta em outra passagem não citada por Miller, mas que julgamos de grande importância, “General Knowledge is Remote Knowledge it is in Particulars that wisdom consists & Happiness too” (op. cit., p. 560), ou seja, é somente na materialidade que a Visão ou Imaginação pode acontecer.

Como Miller acertadamente percebe, a oscilação parece acontecer no momento em que se lê “Vision or Imagination is a *Representation of what Eternally Exists*” (ênfase do autor) e, logo após, “There Exist in that Eternal World the Permanent Realities of Every Thing which we see reflected in this Vegetable Glass of Nature”. Miller chama a atenção para o fato de que “Subtly but significantly, conceptual relations slide and Blake’s language wavers - the “Vision” of eternal existence becomes “Eternal Vision” and then the self-reflexive “Visons of Imagination”—as it attempts to unite representation and substance into one concept” (op. cit., p. 156).

Apesar de a solução ter sido encontrada, como em Frye, no *esse est percipi* de Berkley, a solução não resolve o problema, pois não há um idealismo coerente e articulado que possa ser tomado como espinha dorsal da visão ou imaginação. Pelo contrário, como vimos, a parte diabólica ou terrena das sensações corpóreas, os *minute particulars*, são a fonte da energia que alimenta a Visão.

Miller também chama a atenção para outro aspecto de *A Vision of the Last Judgement* que desconcerta os críticos e desafia interpretações, qual

seja, as ambiguidades sintáticas que perpassam todo o texto – e não só de *A Vision*, mas podemos dizer que toda a poesia profética de Blake. No caso de *A Vision*, o crítico enfatiza a ambiguidade sintática do pronome “Them” na passagem “The ancient Poets animated all sensible objects with Gods or Geniuses, calling them by names and adorning them with properties of woods, rivers...” e se pergunta se o pronome se refere aos objetos sensíveis ou aos deuses e gênios (op. cit., p. 160).

A pergunta ultrapassa a questão do sentido gramatical e se torna uma questão metodológica que implica novamente em escolher caminhos de leitura: se tomarmos o pronome como referência aos objetos sensíveis a ênfase recai sobre a realidade material, que seria a fonte de toda imagem eterna. Porém, se tomarmos o pronome como referência aos deuses ou gênios, então a realidade sensível se adapta à imagem eterna, fornecendo a ela seus atributos para que dela seja feita a representação eterna.

Miller toma esta passagem como exemplo das diferentes e divergentes direções para as quais a poesia de Blake aponta, tais como Idealismo, sensações corpóreas, Visão, materialismo, imanentismo e explica que:

Critics have taken pains to render Blake’s argument consistent, but diverse Philosophic strains struggle throughout the writings. Blake’s discourse interweaves, often within single passages, a radical idealism of active perception (and enduring form) with an equally radical naturalism of active sensation (and perceived objects). And this tension continues from the early works, most notably *The Marriage of Heaven and Hell*, all the way to *Jerusalem* (op. cit., p. 157).

O exemplo oferecido pelo texto, a semente que renova a Visão com sua energia, parece indicar que as duas ordens – a Imaginação e o mundos das percepções - se interpenetram e perfazem cruzamentos que possibilitam a reeducação da imaginação e da percepção do leitor, objetivo final da poesia de Blake. Usando a terminologia do texto de Blake, podemos nos perguntar se a semente é, então, Visão, i.e., pertence às Realidades Eternas, ou Alegoria, i.e., pertence ao mundo perceptivo e não conseguiremos dar uma resposta única, pois a semente é, ao mesmo tempo, objeto percebido, energia que alimenta a Visão. Novamente, explica Miller: “The Language of Vision is double, at once a discourse of substance, in which the only enduring objects are eternal images, and a discourse of representation, in which images endure because they are sustained by permanent objects” (op. cit., p. 158).

A indecidibilidade entre os caminhos de leitura da poesia iluminada de Blake, desconsiderada pela crítica até o momento da “crise” apontado por Miller, se torna o ponto central da “nova” crítica blakeana e abre caminho para diferentes abordagens teóricas e metodológicas, tais com a desconstrucionista, que Miller usa em seu texto e que também usamos em *Visões de William Blake*.

Porém, não nos interessa aqui discutir a pertinência ou adequação da escolha da desconstrução como estratégia – chamo a atenção, em consonância com Miller, para a importância do termo “estratégia” no lugar de método - para a leitura de Blake. O que nos interessa é justamente refletir sobre a natureza do poema blakeano e como ela desafia métodos críticos, o que faremos a seguir por meio de uma breve reflexão sobre algumas leituras possíveis de um dos poemas mais conhecidos de Blake, *The Sick Rose*, publicado originalmente em *Songs of Innocence and Experience*, de 1789.

4 Is *The Sick Rose* really sick?

O Rose thou art sick.
The invisible worm,
That flies in the night
In the howling storm:

Has found out thy bed
Of crimson joy:
And his dark secret love
Does thy life destroy.

Um dos poemas mais conhecidos das *Songs of Experience* e um dos mais conhecidos de Blake, *The Sick Rose* é um poema aparentemente simples que se vale de um dos símbolos mais antigos da história da literatura, a rosa, para mostrar como um verme “invisível” e voador, do fundo de uma tempestade, a encontra em seu leito púrpura de prazer e, com seu amor secreto e obscuro, destrói a sua vida.

O poema já foi analisado por muitos dos scholars blakeanos, dos quais podemos citar Joseph Wicksteed, Hazard Adams, D. G. Gillham, Harold Bloom, Elizabeth Langland, e até mesmo por não blakeanos, como

Michel Riffaterre, e podemos agrupar as leituras iniciais desse poema em duas, que se tornaram canônicas: a mais conhecida delas é a que vê o poema como metáfora sexual, sendo a rosa símbolo do amor puro, feminino, e o verme o amor dominador e destruidor, masculino. Lido desta forma, como aponta Elizabeth Langland, o poema retrata a rosa como o ideal de pureza feminina desejado nas mulheres à época de Blake – beleza imaculada, inocência e frescor⁵ -, e o verme como “a phallic force destroying purity, bloom, freshness, and innocence” (1987, p. 229).

A segunda leitura também bastante difundida do poema apresenta a rosa com símbolo da humanidade corrompida pelo verme, símbolo da vida material mais baixa e se apóia no simbolismo da poesia de Blake, sobretudo no personagem Jerusalém, que simboliza a visão ou Imaginação, corrompida pela vida vegetativa. De acordo com esta leitura – que corresponde, em linhas gerais, ao “programa” dos poemas proféticos, i. e., mostrar o erro da humanidade para poder superá-lo por meio da visão -, a rosa seria um tanto quanto dessexualizada, assim como o verme, pois representariam forças que comandam a humanidade, como o princípio feminino e o poder dominador masculino, respectivamente Jerusalém e Urizen.

Porém, o que mais chama a atenção no poema é o fato de que ele condensa várias possibilidades de sentido em sua reduzida fatura verbal, sentidos esses que nos dizem respeito como leitores de forma direta, que levou Frye a afirmar que *The Sick Rose* é “popular in the sense of providing the direct, primitive, metaphorical key to poetic experience for educated and uneducated alike” e que o poema é “a perfect statement of the autonomy of the imagination, that is, what is often taken to be the key principle of Romantic poetry and what he took to be its defining form, the lyric” (FRYE apud MEE, 1987, p. 1).

Leituras mais recentes do poema, frutos da “crise” dos estudos blakeanos de que já falamos anteriormente, apontam alguns problemas nessas leituras canônicas, tais como a simplificação excessiva, o confinamento da interpretação do símbolo da rosa no poema à tradição romântica, a associação irrefletida entre a rosa e o feminino, a assunção do papel passivo da rosa em contraposição ao ativo do verme e a inflação simbólica das interpretações, apenas para citar alguns.

Façamos um breve *detour* por algumas leituras do poema no intuito

⁵ Esta forma de representação masculina da mulher como angelical e pura seria objeto da crítica de Virginia Woolf em seu ensaio, publicado em 1929, *A Room of One's Own*, no qual ela é denominada como o “Anjo do lar”.

de perceber como a “autonomia da imaginação” que o poema traz pode suscitar diferentes interpretações. Ao final, discutiremos o que julgamos ser uma das leituras mais fecundas do poema e teceremos alguns comentários sobre as leituras possíveis e a questão do método.

Em 1973, Michel Riffaterre publica “The Self-Sufficient Text”, um artigo em que propõe a leitura do poema a partir dos elementos próprios que lhe são particulares, isto é, a sua linguagem. Mesclando a Nova Crítica norte-americana com o Estruturalismo, o *close-reading* com as oposições binárias, o autor se propõe a mostrar que “a proper reading entails no more than a knowledge of the language” (p. 39). Comentando tanto as leituras que associam o verme à corrupção da humanidade quanto aquelas que vêem na rosa um símbolo da sexualidade corrompida pelo moralismo, o autor vê em ambas um direcionamento para fora do texto e propõe o redirecionamento da crítica para os elementos internos do poema. Buscando a unidade semântica como chave para entendimento do poema, o autor vê a rosa e o verme como *topoi* conhecidos e explica que o significado dessas palavras tem menos a ver com suas realidades correspondentes e mais com sua relação com as outras palavras e lugares-comuns literários, isto é, essas palavras são variações lexicais de uma invariante estrutural (op. cit., p. 40).

Partindo do pressuposto de que a unidade semântica somente se constitui a partir da polaridade, Riffaterre vê no poema uma derivação de uma sentença matriz (lugar-comum literário) que é o oxímoro rosa \times verme.

Buscando a inserção deste oxímoro-matriz na série literária de atualizações deste tema, o autor faz um tour pela Guerra de Tróia, Plínio o Velho, passa por Shakespeare, Thomas Stanley e Nathaniel Hawthorne, chegando finalmente a Harold Bloom, a quem o autor acusa de cometer a falácia referencial ao atribuir à Natureza a culpa pela oposição entre a rosa e o verme.

Um segundo ponto deste oxímoro que o autor busca inserir na tradição literária é a relação semântica do contenedor-contido e sua inversão, que o autor percebe na relação da rosa com o verme. A atualização que Blake faz deste topos assume dois matizes, um fantástico e outro sexual e em ambos os casos o autor vê a atualização de um clichê (“bed of roses”) e conclui dizendo que “[T]he poem is a verbal derivation from a verbal group. Its object is not a rose and its parasite; its object is the phrase *the sick rose*, or rather the oxymoron formed by the phrase” (op. cit., p. 44).

Em 1987 Elizabeth Langland publica “Blake’s Feminist Revision of Literary Tradition in ‘The SICK ROSE’”, texto que faz parte da coletânea de artigos organizada por Dan Miller, Mark Bracher e Donald Ault, a que já

nos referimos. Neste texto a autora parte do pressuposto da crítica temático-formalista da autonomia do texto literário e busca no próprio texto as contradições que possibilitam o seu questionamento crítico.

Como Riffaterre, a autora busca, inicialmente, localizar o tema da rosa e do verme na tradição literária, que associa a rosa à pureza desejada nas mulheres e o verme ao elemento fálico destruidor e percebe a associação, no tema da rosa, entre o feminino e a corrupção, como se a rosa já fosse corrupta antes mesmo de ser penetrada pelo verme. Nessa associação, comum nas leituras desse poema, a autora percebe, então, “the suspicion and possible hostility present in certain kinds of interpretations of the poem, hostility toward a certain kind of woman, one who hypocritically pretends to modesty and whose hypocrisy becomes a disease infecting “*Love! Sweet Love! (A Little GIRL Lost)*” (op. cit., p. 230).

Em um segundo momento, no qual a autora passa da leitura do poema no contexto da língua como produtora de imagens e símbolos para o contexto de falantes e perspectivas de leitura (p. 231), sob a declarada influência da Estética da Recepção, a ênfase recai sobre as diferentes perspectivas de leitura engendradas pelo texto de Blake. Nesse momento, ao contextualizar o poema na sua tradição de leitura, a autora mostra como “critics have effectively prescribed how the poem is read” (p. 232) e critica a leitura que Harold Bloom faz do poema pelo fato de ele, como voz com autoridade (crítica e masculina) sobre o texto, se colocar distante e superior ao destino da rosa, que ele vê com condescendência, pois ela está decaída e desamparada. Ao que a autora se ou nos pergunta: qual é o agente que traz corrupção, a rosa mesma, o verme ou o leitor? (p. 233) e responde que esta interpretação da rosa e de seu leito como associados ao pecado são “a function of the speaker, who, ironically, is identical with yet distanced from the worm in point of knowledge” (p. 236), isto é, a posição do leitor é a mesma, ainda que com certa diferença, da do verme, ambos assumem os mesmos valores com relação à rosa.

O último ponto que a autora levanta em seu texto, sob a influência da Crítica Genética, é a questão das particularidades formais do texto de Blake e como a revisão dos originais pode lançar luzes sobre interpretações consagradas e permitir que novas leituras venham à luz. A autora chama a atenção para uma das versões intermediárias do poema, no processo de alterações que culminou na publicação do poema do modo como o conhecemos na versão de Erdman autorizada pela MLA, no qual Blake teria escrito “*And her dark secret love / Does thy life destroy*” [ênfase da autora]. Na leitura de Langland, essa versão do poema que Blake estaria “[...] keenly aware of

gender in the poem – not identifying the rose but rather the rose as female – which unseats traditional literary assumptions. [...] The lines continue to emphasize sexuality, now homosexuality – a lesbian encounter – which the speaker regards with fear and horror as destructive, perhaps because threatening to male sexuality” (p. 239).

A penúltima leitura que gostaríamos apresentar, “The “insidious poison of secret Influence”:

A New Historical Context for Blake’s “The Sick Rose”, de Jon Mee, foi publicado em 1998 e embora seja relativamente atual cronologicamente, retoma a empreitada de David Erdman, em *Prophet Against Empire*, de ancorar cada vez mais profundamente Blake nas questões históricas e políticas de seu tempo. O autor se distancia da leitura canônica que vê no poema procedimentos temáticos do romantismo para lê-lo como uma crítica velada de Blake à corrupção crescente no final do século XVIII, na qual a rosa doente seria uma representação da Inglaterra ou da Londres dos anos 1790, “to the point where it teeters on the edge of apocalyptic transformation” (1998, p. 112).

De especial interesse para o autor seria a crítica velada de Blake a George Rose (1744-1818), um dos secretários do tesouro à época do poeta, que teria se envolvido em um escândalo de corrupção ao usar dinheiro público nas eleições. O caso teria chocado a opinião pública à época em que Blake escrevia as suas *Songs of Innocence and Experience*, levando o autor a afirmar que ““The Sick Rose’ is participating in republican discourse on political and other kinds of corruption” (p. 116).

A leitura que mais nos interessa aqui é a realizada por Hazard Adams em seu *William Blake: A Reading of the Shorter Poems* (1963) e, complementando metodologicamente essas leituras, o texto “Synecdoche and Method”, publicado em *Blake and the Argument of Method*, obra a que vimos nos referindo desde o início deste texto.

5 Blake e a questão do método

Em sua leitura deste poema, Adams adverte quanto a dois perigos da interpretação dos símbolos, a valorização excessiva da sua inserção na tradição literária e da limitação da sua interpretação às suas relações com o mundo material ou o das ideias, em um ou em outro caso, o resultado será uma leitura parcial que, para Blake, será equivocada.

Percebendo na rosa um símbolo com características arquetípicas,

Adams chega à conclusão de que nesse caso, “all things have human form” (1963, p. 14) e que, portanto nesse poema tanto quanto na poesia de Blake *tout court* a antropomorfização dos elementos da natureza é inevitável. Conclusão semelhante também chegamos em nossa análise do poema *Jerusalem* (SANTOS, 2009) e que nos conduz à afirmação de Blake de que “[...] All deities reside in the human breast”.

Nesse sentido, Adams chega à conclusão de que como leitores, nos identificamos tanto com a rosa quanto com o verme, pois os dois seriam parte da nossa experiência humana, o que, no vocabuário blakeano equivaleria a dizer que a nossa experiência da realidade depende de nossa capacidade perceptiva e imaginativa, ela é que nos coloca nos diferentes estados eternos pelos quais passa a humanidade em seu caminho rumo à superação do erro. A leitura do poema dependeria, fundamentalmente, da perspectiva de leitura e esta não é simplesmente uma questão de “horizontes de leitura”, embora esta também seja uma questão importante, mas uma questão de método, isto é, de escolhas que fazemos como leitores e que orientarão todo o sentido que fazemos do texto literário tanto quanto do mundo.

O autor propõe, então, que a perspectiva – entendida como método – seja um caminho fundamental da crítica e que assim procedendo, a leitura dos poemas considere a importância dos “minute particulars”, detalhes e aspectos menores dos poemas que podem, justamente por seu caráter menor (tanto na sua representação visual quanto retórica nos poemas), abrir perspectivas insuspeitadas de leitura e conduzir nossa visão por caminhos que culminarão na abertura das nossas portas da percepção, como desejava Blake. Foi esse o caminho que adotamos na análise das iluminuras como caminho interpretativo nas relações entre texto e imagem no poema *Jerusalem* (SANTOS, 2009).

A visão ou imaginação seria justamente a leitura do poema a partir dos particulares do texto, uma leitura capaz de ver o mundo num grão de areia, que não se restrinja a um só olhar, mas que possa ver de diferentes formas, de diferentes posições do texto, sem que um olhar se sobreponha ao outro, pois na lógica de Blake “the opposition between difference and indifference [is] a negation always privileging one side over the other” (1987, p. 47).

A semelhança entre esta forma de ler e pensar o método em Blake tem grandes afinidades com a desconstrução de Jacques Derrida, que influenciou toda uma geração de scholars blakenaos norte-americanos, dentre os quais os organizadores e colaboradores de *Blake and the Argument*

of Method, além do autor destas linhas. Como já dissemos anteriormente, não discutiremos as afinidades propriamente ditas entre o método de Blake e a desconstrução, coisa que já fizemos alhures (SANTOS, 2009), apenas indicaremos o quanto uma leitura de Blake que leve em conta as particularidades mínimas pode nos levar a repensar a questão do método a partir do poema de Blake.

Em termos práticos, o que Adams chama atenção no poema é o fato de nós, leitores, sermos tanto rosa quanto verme e a cada momento nosso olhar poder se posicionar de uma maneira ou de outra, sem que uma posição anule a outra, ou seja, nosso olhar pode oscilar entre a dominação urizência do verme ou a falsa virtude do princípio feminino, encarnada no personagem Rahab dos poemas proféticos. A passagem de um ponto de vista a outra é característica humana, pois no seio do homem residem muitas realidades diferentes; o perigo, então, é a fixação do olhar em um ponto de vista, que caracterizaria a negação, não a oposição. Mais que aceitar a existência de diferentes estados de existência, o importante para Blake é termos consciência deles e aprendermos a adaptar o nosso olhar a cada estado, movimento que nos habilitará também a ocuparmos o Lugar de Los e forjar da matéria bruta da existência terrena e da língua a arte e a poesia.

A passagem de um ponto de vista a outro, mais que movimento espacial, denota uma temporalidade que, uma vez adentrada, nos capacita enquanto leitores a perceber o poema como processo, não como objeto estático ou terminado, como insistia Blake n'*A Vision of the Last Judgement*: “If the Spectator could Enter into these Images in his Imagination approaching them on the Fiery chariot of his Contemplative Thought [...]”.

A figura central para entender esse processo, para Adams, é a sinédoque, figura que em linhas gerais, designa a referência ao todo pela parte ou vive-e-versa e que, sobretudo a partir de Jakobson, passou a ser lida como um caso especial da metonímia. Adams insiste na diferença entre os dois tropos afirmando que enquanto a última se refere a uma relação da parte com o todo numa relação de contiguidade, a sinédoque trata mais da relação e possível substituição entre as partes, o que em termos de crítica literária, acarreta consequências, para a leitura, diferentes da metonímia.

Adams diferencia, também, a sinédoque fechada, na qual “both part and whole as spatially considered as fixed in size”, da aberta, que implica um “movement or temporality entirely avoiding any suggestion of completed form or what has recently been called ‘totalization’” (op. cit., p. 47). Apenas a título de ênfase na influência da desconstrução nesse autor, o parágrafo assim continua: “Such would characterize a synecdoche from the point of

view of deconstruction” (p. 47).

O autor explica que a sinédoque blakeana “is both closed and open at both ends, and the movement back and forth produces more and more interpretation” (op. cit. p. 48), ou seja, a oscilação entre a sinédoque fechada – que corresponderia aos sentidos “fixos” atribuídos ao seu texto por diferentes críticos – e a sinédoque aberta – que corresponderia à leitura infernal, a partir das particularidades mínimas do texto – é a fonte produtora de leituras diferentes e sentidos renovados. Interpretar a poesia blakeana a partir do seu “método” ou, usando o vocabulário do poeta, seu “sistema” é “to worktoward apprehension of an antithetical system in which synecdoche plays a major role” (p. 49), ou seja, ser capaz de se mover entre as partes do poema (personagens, animais, cidades) e alterar sua perspectiva na medida mesma desse movimento, em combinações diferentes de partes e perspectivas.

No caso do poema “The Sick Rose” temos dois elementos naturais, cada um com uma simbologia na tradição literária e na poesia de Blake, e as perspectivas vegetativa e eterna, i. e., a sinédoque fechada e a aberta. Assim, poderíamos pensar em uma leitura a partir do símbolo da rosa na perspectiva material, que resultaria na concepção da mulher como fonte do pecado, leitura já bastante conhecida pelos scholars blakeanos. Uma segunda leitura poderia ser da mesma rosa sob a perspectiva eterna, que nos levaria aos personagens femininos de Blake, sobretudo Oothoon (a jovem virgem), Enitharmon (a restrição sexual), Vala (a religião do pecado) e Jerusalem (o princípio feminino já transformado em perdão e imaginação). Nesse tipo de leitura poderíamos ver a rosa sob diferentes estados eternos, o que nos possibilitaria enfatizar diferentes aspectos da simbologia da rosa no poema.

Da mesma forma, poderíamos pensar na leitura do verme a partir da perspectiva material, que nos levaria à sua identificação com a corrupção ou com o princípio masculino dominador, leitura do poema mais comum até o momento. Porém, se pensarmos no verme a partir da perspectiva eterna seríamos levados aos personagens Orc (o espírito revolucionário jovem), Urizen (a autoridade masculina dominadora), Satan (a possibilidade da transformação a partir do mundo material) e Los (o princípio eterno transformador e imaginativo).

Assim, apenas para este curto poema teríamos várias possibilidades de leitura fundamentadas na combinação entre as partes e perspectivas, fazendo variar a leitura e evitando os sentidos fixos, resultado não da oposição, mas da negação, evitando os “priesthoods” que afirmam sentidos inequívocos para a poesia de Blake.

Gostaríamos de finalizar novamente com as palavras de Adams sobre a função da scholarship blakeana, renovada a partir desse momento de crise que a publicação de *Blake and the Argument of Method* aponta:

Criticism of Blake's text seeks to show what Blake does, but to accomplish this it must constitute Blake's doing according to a language of its own. Such a language is inevitably a set of critical fictions contrary to some extent to the synecdochic antithetical logic of Blake's text. This criticism works within an ironic system that recognizes its own fictionality and its own process as a process without end, a process only, and not the finding of an allegorically represented idea, even though it sometimes acts as if the allegorical idea is its end and that end has been achieved. Criticism must have some sort of inner check against taking its "as ifs" as absolutes. There is required, as I have suggested, an initial effort to see the text from the text's point of view – in terms of the text's antithetical logic. This involves a leap to the opposite, so to speak, and in this case it is the leap to embrace the synecdochic even though it cannot (though the text can) think synecdochically.

Referências

ADAMS, H. Synecdoche and Method. In MILLER, D.; BRACHER, M.; AULT, D. (orgs). **Blake and the Argument of Method**. Durham: Duke University Press, 1987. p. 41-71.

ADAMS, H. **William Blake: A Reading of the Shorter Poems**. Seattle: University of Washington Press, 1963.

BLOOM, H. **The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry**. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1973].

ERDMAN, D. **The Complete Poetry & Prose of William Blake**. New York: Doubleday, 1988.

FRYE, N. **Fearful symmetry: A Study of William Blake**. Princeton: Princeton University Press, 1990 (Tenth Printing) [1947].

LANGLAND, E. Blake's Feminist Revision of Literary Tradition in 'The Sick Rose'. In: MILLER, D.; BRACHER, M.; AULT, D. (orgs). **Blake and the Argument of Method**. Durham: Duke University Press, 1987. p. 225-243.

MEE, Jon. **The 'insidious poison of secret Influence': A New Historical Context for Blake's 'The Sick Rose'**. *Eighteenth-Century Life* 22.1, 1998, p. 111-122.

MILLER, D.; BRACHER, M.; AULT, D. (orgs). **Blake and the Argument of Method**. Durham: Duke University Press, 1987.

MILLER, D. Blake and the Deconstructive Interlude. In _____; BRACHER, M.; AULT, D. (orgs). **Blake and the Argument of Method**. Durham: Duke University Press, 1987. p. 139-167.

MITCHELL, W. J. T. Visible Language: Blake's Art of Writing. **Picture Theory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

RIFFATERRE, M. The Self-sufficient Text. **Diacritics**, Vol. 3, No. 3 (Autumn, 1973). (pp.39-45)

SANTOS, A. C. **Visões de William Blake**: imagens e palavras em Jerusalém a Emissão do Gigante Albion. Campinas; Editora da UNICAMP, 2009.